

## **Sacolas plásticas: a solução está no uso consciente**

Recentemente, uma grande rede de supermercados anunciou a decisão de eliminar a utilização de sacolas plásticas em até quatro anos, medida que foi elogiada por este prestigioso jornal. A verdade é que não há alternativas consistentes para substituir às sacolas plásticas. Econômicas, duráveis, resistentes, práticas, higiênicas e inertes, são reutilizáveis e 100% recicláveis. A indústria da reciclagem no Brasil hoje gera mais de meio milhão de postos de trabalho. Tanto é assim que, segundo pesquisa do Ibope, 100% das sacolas plásticas são reutilizadas como saco de lixo, 71% constituem as embalagens preferidas da população para transportar suas compras e 75% das donas de casa são a favor do seu fornecimento pelo varejo.

A questão é reduzir o impacto ambiental causado por aqueles que desperdiçam ou descartam incorretamente as sacolinhas. Pergunto: deveríamos banir as sacolas ou promover ações em favor de seu uso consciente? Imagine se baníssemos tudo o que é moderno e que ao mesmo tempo tenha algum impacto ambiental. Voltaríamos aos primórdios, com baixa expectativa de vida, com epidemias que, atualmente, só fazem parte dos livros de história e total falta de higiene no contato com os alimentos. Na sociedade contemporânea, a melhor forma de usufruir dos benefícios (conforto, praticidade, economia, segurança e qualidade de vida) a que todos temos direito é utilizar este e ou qualquer outro produto de forma consciente, o que significa aplicar os 3R's: Reduzir, Reutilizar e Reciclar.

E isso dá para fazer com as sacolinhas quando são feitas com a qualidade exigida pela Norma Técnica ABNT NBR-14.937. Isso acaba com as práticas de colocar uma sacola dentro da outra para transportar produtos mais pesados ou utilizar somente a metade de sua capacidade, eliminando o consumo excessivo e o desperdício. Por isso, é muito importante que o consumidor, exija o Selo de Qualidade nas sacolas, que traz o peso que ela pode suportar (6,0 kg). Esse é um direito do consumidor. Além do que, sua reutilização e destinação para a reciclagem ao final de seu ciclo de vida são ações que, se bem feitas, garantem que elas não serão encontradas no meio ambiente.

Consumindo de forma correta, não é necessário penalizar a população, pois a alternativa anunciada por esta rede de supermercados é cobrar “a preço de custo” pelas sacolas retornáveis. Somos a favor das sacolas retornáveis, mas esta opção deve ser sempre do consumidor. E ainda há a questão da economia. Ainda conforme a pesquisa do Ibope, 100% das donas de casa utilizam as sacolas para embalar o lixo doméstico. Embalar o lixo em plástico é fator primordial para saúde pública. Então, o consumidor de baixa renda terá de pagar também pelo saco de

lixo? Sem falar de outras dezenas de alternativas de reutilização, já assimiladas pela população.

Também somos a favor das sacolas verdadeiramente biodegradáveis, que igualmente a todos os resíduos biodegradáveis, requerem usinas de compostagem (unidades que oferecem condições para que a biodegradação ocorra de forma ambientalmente correta).

Por tudo isso, acreditamos que a solução mais equilibrada deve ser investir em informação e conscientização. Com pouco mais de dois anos de existência, o Programa de Qualidade e Consumo Responsável de Sacolas Plásticas, criado pela indústria do setor, já conta com a participação de três dos seis grandes grupos varejistas do Brasil, de inúmeras outras redes, além do apoio da Associação Brasileira de Supermercados (ABRAS) e de suas congêneres estaduais. Voltado para a conscientização da população sobre uso responsável e descarte adequado de sacolas plásticas, o Programa já reduziu 40% do consumo das sacolinhas na maior rede de supermercados do país.

Além disso, os plásticos são feitos para durar (ao durar, retêm carbono e não contribuem para com o efeito estufa), e não para serem descartados incorretamente na natureza. É importante que sejam usados, reutilizados, coletados seletivamente e destinados à reciclagem, que pode ser mecânica, que os transformará em novos produtos, ou mesmo energética, que os converterá em energia de forma segura, como já ocorre na Europa, América do Norte e Ásia, conforme esta Folha publicou em reportagem especial no ano passado. No mundo existem 850 usinas de reciclagem energética. No Brasil, nenhuma.

O desafio ambiental é urgente e imenso. Porém, não será com a penalização do consumidor, mas sim pela educação e pela responsabilidade compartilhada da indústria, sociedade e do poder público, e adotando soluções verdadeiramente consistentes que iremos garantir o bem estar das pessoas e a preservação do meio ambiente. Não é justo promover o retrocesso.

**Francisco de Assis Esmeraldo** é eng<sup>o</sup> químico, presidente da *Plastivida Instituto Sócio-Ambiental dos Plásticos*, membro do Conselho Superior de Meio Ambiente da FIESP, do Conselho Empresarial de Meio Ambiente da FIRJAN (RJ), do Conselho Executivo da Associação Brasileira de Embalagens (ABRE) e do Conselho de Administração do Instituto do PVC.